

57012

Revista do Departamento de EDUCAÇÃO FÍSICA e ARTÍSTICA

Nº 2 2000



SEMINÁRIO - TEORIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA



Especial Seminários de Educação Física

A representação dos alunos das aulas de Educação Física

Diferenças de representação entre os alunos do 5º e 6º Ano, sobre a Educação Física.

João Manuel Petrica*
Alexandre Batista Casanova**
Eduardo Filipe Xavier**

RESUMO

O principal objectivo deste trabalho é investigar a influencia das variáveis do pensamento dos alunos (percepção, motivação, auto-conceito e apreciação), nas aulas de Educação Física, leccionadas pelos professores estagiários para o 2º Ciclo do Ensino Básico. Com este estudo pretendemos também verificar se existem diferenças nestas variáveis do pensamento entre os alunos do 5º e 6º Ano dos referidos professores estagiários.

1. Introdução

Com o presente trabalho pretendemos que sirva de contributo para o melhor conhecimento dos processos de pensamento dos alunos, assim como a influência destes no processo de ensino/aprendizagem.

A investigação dos processos de pensamento dos alunos, apesar de ser muito recente, tem fornecido indicações úteis ao estudo do funcionamento do ensino, bem como contribuindo para a interpretação de factos ligados à eficácia do ensino. (Petrica; Tavares, 1999)

No que se refere às variáveis que têm merecido uma maior acuidade no programa de investigação dos processos de pensamento dos alunos, devem salientar-se os aspectos cognitivos, afectivos e motivacionais do pensamento dos mesmos (Pereira, 1995).

No entanto de acordo com Piéron (1983/85) nos últimos anos os investigadores tem vindo progressivamente a interessarem-se de uma forma preferencial pelo estudo do comportamento do aluno.

Assim, com o nosso estudo pretendemos saber o que pensam os alunos do 5º e 6º ano das aulas de Educação Física, e quais as diferenças existentes entre os dois anos nesta vertente.

2. Revisão da Literatura

Para efectuar a revisão da literatura começamos por abordar alguns documentos e estudos já realizados no domínio do processo de pensamento dos alunos. Através destes podemos ter uma visão geral do tema e fundamentar também as hipóteses em estudo.

* Orientador

** Alunos do 4º Ano da Licenciatura em ensino da Educação Física

2.1 Caracterização dos alunos do 5º e 6º ano

Os alunos que frequentam o 5º e 6º ano têm normalmente idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. Acharmos por isso importante efectuar uma caracterização psicomotora das crianças com esta idade, com base em alguns autores e investigadores.

A personalidade destas crianças é muitas vezes aberta, serena e com grande sentimento de justiça. (Petrica; SD)

A criança de 10 anos é, do ponto de vista educacional uma pessoa dócil e que reage favoravelmente. Gosta em geral do professor e da sua sala de aula.

A criança de 11 anos encontra-se numa activa transição do desenvolvimento que contrasta com o relativo equilíbrio do ano anterior. Há qualquer coisa de desinquieto, efervescente e de certo modo, explosivo no seu comportamento na sala de aula.

A criança de 12 anos tem maior capacidade de se atirar ao trabalho do que a de 11. É mais adaptável e pode concentrar a atenção durante um período mais longo. É menos imprevisível e menos desinquieta. Esta está menos dependente do professor e menos ligada a ele. (Gesell; 1978)

Em relação à aprendizagem de movimento, "muitas crianças adquirem novas formas de movimento sem necessidade de muito exercício". (Meinel, cit. por Petrica; SD)

As habilidades motoras alcançam, na maioria, um bom nível. A habilidade principal do desenvolvimento é a boa capacidade de aprendizagem motora dos meninos e meninas. Elas adquirem novos actos motores notoriamente rápido e alcançam rápidos progressos. (Meinel; 1984)

As tendências de movimento e a condição do rendimento motor alcançado ajuízam a terceira idade escolar como o primeiro ponto alto do desenvolvimento motor a ser considerado e a assinala como a fase de melhor capacidade de aprendizagem motora na infância. (Meinel; 1984)

2.2 Os Processos de Pensamento dos Alunos

A investigação do processo de ensino/aprendizagem era à bem poucos anos baseada em duas variáveis: as de processo (relação professor/aluno) e produto (ganhos de aprendizagem), que segundo Piéron (1986) permitiu classificar, ordenar e organizar a investigação sobre o ensino e os conhecimentos dela decorrentes.

Apesar das avaliações do comportamento do aluno bem como da quantidade de tempo em que o mesmo se dedica à realização das tarefas de aprendizagem nos darem uma perspectiva dos processos de medição observáveis, isto não nos permite contudo perceber aquilo que ocorre na mente do estudante durante o processo de ensino-aprendizagem (Peterson et al., cit. por Pereira 1995).

No entanto surgiu mais tarde um novo paradigma que veio contrariar a relação linear entre o comportamento do professor e o êxito de aluno: os elementos mediadores (Piéron; 1996). Este tem por objectivo, "os processos humanos implícitos que se interpõem entre os estímulos pedagógicos e os resultados da aprendizagem" (Levie & Dickie, cit. por Petrica; Mota; Cardoso e Afonso, 1999)

Como nos diz Wittrock (cit. por Pereira 1995), a investigação sobre os processos de pensamento dos alunos tenta verificar de que forma o ensino ou os docentes influenciam aquilo que os estudantes pensam, crêem, sentem, dizem ou fazem e que obviamente terá implicações no seu rendimento ou êxito.

Lee e Solmon (cit. pelo mesmo autor), consideram que o insucesso do aluno, na execução de uma sequência de movimentos planeados, durante uma aula, é um exemplo bastante elucidativo de como só através do estudo do processo de pensamento desse estudante se pode entender a razão do seu inêxito

Em relação às vantagens dos estudos dos processos de pensamento dos alunos, Doyle (cit. por Pereira 1995), diz-nos que estes podem fornecer informações extremamente úteis sobre o funcionamento do processo de

ensino. Referindo-se igualmente a esses benefícios Wittrock (cit. por Pereira 1995), considera que os estudos dos processos de pensamento dos alunos contribuirão para uma melhor compreensão dos efeitos dos docentes sobre a aprendizagem, tal como para o desenvolvimento de teorias do ensino, planificação e análise do mesmo.

2.3 A Percepção

A percepção da imagem corporal tem sido conceptualizada como uma pintura mental de nós e do nosso próprio corpo (Collins & Propert, cit. por Rego, 1998)

Uma das questões que tem interessado os investigadores das percepções dos alunos é o de saber se estes últimos conseguem discernir o comportamento diferenciado que recebem por parte dos professores na sala de aulas. (Pereira, 1995).

Wittrock, (cit. por Pereira 1995), refere que a percepção que os alunos têm dos seus docentes, como por exemplo o tratamento diferenciado que recebem destes últimos, influencia o seu rendimento escolar.

Segundo Lee e Solmon (cit. pelo mesmo autor), os processos de pensamento do aluno determinam os efeitos das expectativas do professor, isto é, os processos de pensamento do aluno medeiam entre o tratamento diferenciado do docente e o desempenho do estudante. Logo, o estudo do comportamento do docente deve ter em atenção as percepções do aluno a esse mesmo comportamento.

Investigações feitas sobre a percepção dos alunos relativamente ao objectivo da Educação Física apresentam resultados divergentes no que se refere à importância atribuída pelos estudantes aos „objectivos, quer da aprendizagem, quer do convívio, prazer e divertimento (Pereira 1995).

2.4 O Auto-conceito

Segundo Serra (cit. por Almeida, 1998), o auto-conceito pode ser definido como a percepção que um indivíduo tem de si próprio. Ausubel (cit. por Almeida, 1998) define auto-conceito como a combinação de três elementos: a aparência física, as imagens sensoriais e as revelações pessoais.

Para Simões e Vaz Serra (cit. por Simões, 1997) o auto-conceito é um construto de importância central para o comportamento, pois, está implicado na sua regulação e afecta as interacções que o indivíduo estabelece com os outros, os desempenhos escolares e o ajustamento individual.

Shavelson e Cols (cit. por Jacob, 1994) distinguem quatro componentes básicas na construção do auto-conceito:

- componente académica;
- componente social;
- componente física;
- componente emocional.

O auto-conceito é actualmente considerado uma variável psicológica que influencia directamente o comportamento, desempenho e ajustamento individual, como igualmente uma variável mediadora de outras relações, como por exemplo: o rendimento escolar (Simões e Vaz Serra cit. por Pereira; Carreiro da Costa; Alves Diniz; 1998)

Segundo Burns (cit. por Pina, 1998), os alunos com auto-conceito elevado evidenciam confiança na sua competência como alunos, optimismo em relação à sua capacidade de serem bem sucedidos no futuro, aceitam as críticas se ficar zangado e estabelecem objectivos realistas.

No que se refere à Educação Física, há que desenvolver o auto-conceito físico, que Fox (citado por Pereira, 1995) apresentou numa estrutura composta por quatro domínios: a competência individual, a atracção corporal, a condição física e a robustez física.

Segundo as citações atrás referidas pensamos que nas diferentes áreas incluindo a Educação

Física, o auto-conceito influencia directamente o rendimento dos alunos tal como o seu pensamento em relação às mesmas áreas.

2.5 A Motivação

Para iniciar esta variável e para uma melhor compreensão desta, achámos correcto começar por recolher uma definição de motivação num Dicionário de Língua Portuguesa: -“Acto de motivar. Conjunto de factores psicológicos, conscientes ou não, de ordem fisiológica, intelectual ou afectiva, que determinam um certo nível de conduta em alguém”(Dicionários Editora).

“L’approche attributionnelle de la motivation pour la réussite a souligné l’importance des facteurs cognitifs dans la séquence motivation-action. Weiner considère que tant la compréhension que l’hédonise constituent les sources primaires de motivation” (cit. por Fontaine, 1990)

A motivação é importante para a compreensão da aprendizagem e do desempenho de habilidades motoras devido ao seu papel na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento (Magill, 1984).

Segundo Torndike (citado por Sprinthall e Sprinthall, 1993) existe um elo de ligação entre aprendizagem e motivação. Torndike conseguiu realizar esta tarefa através da sua lei do efeito: “a aprendizagem é fortalecida quando é seguida de *um estado de coisas satisfatórias* – satisfatório, claro, para o aluno”.

As fontes de motivação classificam-se em intrínsecas e extrínsecas. Os motivos intrínsecos são aqueles que são satisfeitos por reforços internos, não estando penderes de motivos externos. Os motivos extrínsecos, ao contrário, dependem de necessidades que têm de ser satisfeitas por reforços externos (Sprinthall e Sprinthall, 1993)

“Les motivations et les perceptions de compétence des élèves font partie des éléments qui distinguent les participants, parfois de

manière considérable.” (Carreiro da Costa; Pereira; Dinis; Piéron, 1997)

“La motivation pour l’éducation physique. Un instrument spécifique fut développé pour l’estimer. Il comportait trois dimensions principales: ”

- motivation pour la prestation;
- motivation pour le développement de capacités et d’habilités;
- motivation pour la pratique sportive.”

(Carreiro da Costa; Pereira; Dinis; Piéron, 1997)

A motivação é um dos processos de pensamento mais frequentemente estipulados e úteis que intervêm na aprendizagem dos alunos (Wittrock 1986; Lee e Solmon, 1992 citado por Pereira; Carreiro da Costa e Dinis ; 1998)

Referindo-se à importância da motivação no êxito dos alunos, Lee e Solmon (cit. pelos mesmos autores) consideram que os pensamentos positivos auto-motivacionais dos estudantes estão relacionados com o seu sucesso.

De acordo com os mesmos autores, a motivação é um pré-requisito fundamental para o envolvimento na tarefa, assumindo, por conseguinte, um lugar de destaque no sucesso na aprendizagem

2.6 A Apreciação

Tal como fizemos para a variável motivação, também aqui começámos por definir apreciação: -“Acto ou efeito de apreciar, consideração. (Apreciar: dar apreço a, avaliar, julgar, considerar, estimar. Apreço: conta em que se tem uma pessoa) (Dicionários Editora).

Tendo em linha de conta o significado da palavra apreciação, pensamos que seria importante incluir esta variável no estudo do pensamento dos alunos na aula de Educação Física.

Por isso, achamos que o pensamento dos alunos também poderá ser influenciado pela

apreciação que estes fazem do ensino (o professor, condições de prática e qualidade das aulas leccionadas) e do comportamento dos colegas (capacidades dos colegas, relação com o professor e respeito pelo material), nas aulas de Educação Física. Esta linha de pensamento é baseada no paradigma que veio contrariar a relação linear entre o comportamento do professor e o êxito do aluno: os processos mediadores. Estes têm por objectivo, "os processos humanos implícitos que se interpõem entre os estímulos pedagógicos e os resultados da aprendizagem" (Levie e Dickie, cit. por Pereira, 1995)

3. As Hipóteses

Com base na revisão da literatura atrás efectuada, podemos constatar que, ao longo dos últimos anos vários foram os autores e investigadores que se dedicaram ao estudo dos processos de pensamento do aluno.

Com o presente estudo pretendemos determinar:

- o que pensam os alunos nas aulas de Educação Física;
- as diferenças entre os alunos do 5º e do 6º ano, nas variáveis do pensamento (percepção, motivação, auto-conceito e apreciação)

3.1. Variáveis nas hipótese

Neste estudo utilizamos as seguintes variáveis:

*Referentes aos processos de pensamento do aluno (Pereira, cit. por Petrica; Órfão; Grilo; Roque, 1999).

- Percepção sobre as aulas de Educação Física;
- Motivação para as aulas de Educação Física;
- Auto-conceito nas aulas de Educação Física;
- Apreciação das aulas de Educação Física;

*Relativas às características intrínsecas:

- Ano lectivo que os alunos frequentam (5º e 6º Ano).

Para tal parece-nos importante a formulação de uma hipótese geral e quatro hipóteses específicas.

De acordo com o que nos diz Gesell (pág. 2, 1978) fomos levados a elaborar a seguinte hipótese geral:

Hipótese geral - Existem diferenças significativas entre os alunos do 5º Ano e do 6º Ano no que refere ao pensamento destes sobre as aulas de Ed. Física.

Tendo em linha de conta a hipótese geral e os factores que nos levaram a elaborar a mesma, prevemos as seguintes hipóteses específicas:

Hipótese 1 - Existem diferenças significativa na percepção dos alunos sobre as aulas de Ed. Física do 5º e 6º Ano.

Hipótese 2 - Na motivação, existem diferenças significativas entre os alunos do 5º Ano e 6º Ano.

Hipótese 3 - Há diferenças significativas relativamente ao auto-conceito nas aulas de Ed. Física entre os alunos do 5º Ano e 6º Ano .

Hipótese 4 - Há diferença significativas na apreciação das aulas de Ed. Física entre os alunos do 5º e 6º Ano.

4. Metodologia

Neste ponto, vamos debruçar-nos sobre os principais procedimentos metodológicos que seguimos ao longo do nosso estudo.

4.1 Características da Amostra

O nosso estudo incidiu sobre os alunos das turmas dos professores estagiários, do 4º Ano do curso de Professores do Ensino Básico, Variante de Educação Física, da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

No seguinte quadro passamos a caracterizar a amostra:

Num universo de 582 alunos, foram entregues apenas 522 questionários, pois dois dos professores estagiários, terminaram as suas funções com as respectivas turmas antes da entrega dos mesmos.

Destes 522 questionários, recebemos apenas 489 (o que corresponde a uma percentagem de retorno de aproximadamente 93%). A não devolução destes questionários foi-nos justificada pelos nossos colegas estagiários, pela falta de alguns alunos no dia em que estes foram preenchidos.

UNIVERSO	582
Questionários entregues	522
N.º de questionários devolvidos	489
Anulados / Incompletos	110
Amostra	379
5º Ano	126
6º Ano	253

Quadro 1. Caracterização da Amostra

No que diz respeito aos questionários anulados, obtivemos um número bastante elevado (110). Esta situação deve-se a dois factores: falta de coerência nas respostas dadas por alguns alunos e questionários bastante incompletos.

Chegámos assim ao final do processo de recolha de dados com uma amostra de 379 indivíduos (126 para o 5º ano e 253 para o 6º ano).

4.2 Instrumentos de Medida

A recolha de dados referentes às variáveis em estudo, foi efectuada através de um questionário, que segundo Maria Batista (cit. por Camilo Cunha, 1995) é um instrumento insubstituível, quando se necessita de recolher um grande número de informações sobre um grande número de pessoas e quando se pretende facilmente quantificar estatisticamente estas informações e verificar as hipóteses de trabalho.

O questionário por nós elaborado tinha inicialmente 38 itens, mas depois de algumas sugestões de alguns professores da ESECB, ficou com 33 itens: sete para a percepção (tendo um deles 6 alíneas), oito para a motivação, 5 para o auto-conceito (tendo 1 deles 7 alíneas) e 10 para a apreciação (tendo 1 deles 6 alíneas).

Para validar este questionário, realizámos um pré-teste a uma turma de 23 alunos. Depois de feita uma análise a estes questionários decidimos retirar 3 itens (dois relativos à motivação e um relativo à percepção), porque os valores obtidos não mostravam consistência. O questionário ficou assim com um total de 30 itens

Para classificar os itens utilizamos uma escala de concordância tipo Likert de 5 níveis: "a Likert scale is five-point scale in which the interval between each point on the scale is assumed to be equal. This scale is used to register the extent of agreement or disagreement with a particular statement of attitude, belief, or judgment" (Tuckman; 1978). Para efectuar a contagem das respostas dos alunos utilizamos itens de orientação positiva onde atribuímos valores de 1 (discordo plenamente) e de 5 (discordo plenamente) e de orientação negativa com pontuação inversa.

A variável intrínseca Ano lectivo que os alunos frequentam não nos suscitou qualquer dificuldade, uma que os nossos colegas estagiários leccionavam turmas dos dois anos em estudo.

4.3 Análise dos dados e métodos estatísticos

Depois de todos os dados recolhidos realizou-se a análise descritiva das variáveis, através da média, valor máximo e valor mínimo.

Para comprovar até que ponto é que existem diferenças significativas entre as hipóteses estabelecidas, utilizámos a prova "Teste t", recorrendo à Tábua B (Siegel, 1979)

5. Apresentação e discussão dos resultados

5.1. Análise descritiva dos resultados

Neste capítulo vamos proceder à apresentação dos resultados por variável em estudos.

Para a percepção, podemos afirmar, que de um modo geral tanto os alunos do 5º como do 6º Ano, apresentam valores satisfatórios nesta variável.

Analisando os resultados verificamos que os alunos apresentam um valor total de 41,55 (num máximo de 50 pontos), correspondente à média de 3,8 por item.

O quadro 2. revela-nos os valores médios obtidos em cada um dos 11 itens referentes à variável Percepção, pelos alunos do 5º e 6º Ano. Podemos também observar os valores máximo e mínimo e os resultados integrais da amostra.

Percepção

Itens	Descrição	5º	6º	T
1)	Importância para o des sócio-afectivo.	4,1	4,1	4,1
2)	É a disciplina mais importante que temos.	2,5	2,7	2,6
3)	É importante para o desenvolvimento físico	4,6	4,6	4,6
4)	Devíamos ter mais aulas por semana.	3,9	4	3,95
5)	É importante para o des. dos conhecimentos	3,6	3,4	3,5
6a)	O prof. demora muito a explicar os exer.	3,8	3,8	3,8
6b)	O prof. está sempre calado.	4,3	4,1	4,2
6c)	O prof. está sempre a olhar para nós.	3,2	3,4	3,3
6d)	O prof. é muito carinhoso para nós.	3,7	3,5	3,6
6e)	O prof. demonstra sempre os exercícios.	4,5	4,6	4,55
19	As aulas deviam ser só jogos	3,5	3,2	3,35
Total	Total	41,7	41,4	41,6
	Média	3,8	3,8	3,8
	Valor máximo	4,6	4,6	4,6
	Valor mínimo	2,5	2,7	2,6

Quadro 2. Valor médio dos itens para a variável percepção das aulas de Ed. Física.

Os itens 6a; 6b; e 19 são de orientação inversa, ou seja, 1 ponto para o "concordo plenamente" e 5 para o discordo plenamente.

No item 3, em que afirmamos aos alunos que as aulas de Ed. Física eram importantes para o seu desenvolvimento físico, estes

apresentam um valor médio de 4,6 o que é de realçar.

De acordo com o quadro 2, podemos ainda dizer que o valor mínimo apresentado (2,6) surge na Segunda questão onde afirmamos que a Ed. Física é a disciplina mais importante que eles tem.

Para a motivação, podemos dizer que tanto no 5º como no 6º ano, os alunos estão motivados nas aulas de Ed. Física. Estes apresentam uma pontuação total de 26,95 num máximo de 35 pontos correspondentes à média de 3,95.

O quadro 3 revela-nos os valores médios obtidos em cada um dos 7 itens, pelos alunos do 5º e 6º Ano, referentes à variável motivação. Podemos também observar o valor máximo e o valor mínimo, e os resultados integrais da amostra.

Motivação

Itens	Descrição	5º	6º	T
8)	Participo com vontade nas aulas.	4,2	4,2	4,2
9)	As activ. das aulas fazem-me sentir melhor no meu dia-a-dia.	4,2	4,2	4,2
10)	Gosto da disciplina pq os outros acham que é bom praticar desporto.	3,3	3,2	3,25
11)	Sinto-me mais motivado quando há mais material.	3,5	3,7	3,6
12)	Sinto-me bem no final das aulas.	4,1	3,8	3,95
13)	Esforço-me pq os meus colegas acham que eu sou bom aluno.	3,2	3,2	3,2
14)	Gosto de participar nas aulas de E.F.	4,5	4,6	4,55
Total	Total	27	26,9	26,9
	Média	4	3,9	3,95
	Valor máximo	4,5	4,6	4,6
	Valor mínimo	3,2	3,2	3,2

Quadro 3. Valor médio dos itens para a motivação dos alunos na aula de Ed. Física

De acordo com a leitura do quadro, podemos dizer que os alunos do 5º Ano tem uma vantagem mínima de 0,1 ponto em relação em relação aos do 6º Ano. No item 12 ("Sinto-me bem no final das aulas de Ed. Física") é onde esta diferença se realça mais, pois os alunos do 5º Ano apresentam um valor de 4,1 contra os 3,8 do 6º Ano.

É de realçar o também o valor obtido pelos alunos em geral no item 14 ("Gosto de participar nas aulas de Ed. Física."), em que estes apresentam um valor médio de 4,55, o qual pensamos ser muito satisfatório.

Para o Auto-conceito, podemos afirmar que os alunos apresentam um razoável conceito de si na aula de Ed. Física, obtendo uma média geral de 3,15. Estes apresentam uma pontuação total de 31,45 (num máximo de 55).

O quadro 4 revela-nos os valores médios obtidos em cada um dos nove itens correspondentes à variável auto-conceito. No quadro também podemos observar o valor máximo e mínimo, assim como os resultados integrais da amostra.

Auto-conceito

Itens	Descrição	5º	6º	1º
16)	Acho que sou um excelente aluno a E.F.	3,3	3,4	3,35
17a)	Tenho uma boa resistência.	3,4	3,5	3,45
17b)	Tenho muita força.	3,2	3,3	3,25
17c)	Tenho uma excelente flexibilidade.	3,4	3,4	3,4
17d)	Sou muito rápido.	3,3	3,4	3,35
17e)	Tenho um excelente equilíbrio.	3,4	3,5	4,45
17f)	Tenho muito boa coordenação.	3,4	3,5	4,45
17g)	Compreendo sempre o que se está a passar na aula.	3,7	3,9	3,8
18	Gosto do que é leccionado.	4	3,9	3,95
Total	Total	31,1	31,8	31,5
	Média	3,5	3,6	3,55
	Valor máximo	4	3,9	3,95
	Valor mínimo	3,2	3,3	3,25

Quadro 4. Valor médio dos itens para a variável auto-conceito das aulas de Ed. Física.

Observando os valores obtidos, os alunos do 6º Ano demonstram ter um auto-conceito ligeiramente mais elevado (3,6), registando mais 0,7 valores que o 5º Ano. Esta diferença é mais acentuada no item 17g ("Compreendo sempre o que se está a passar na aula."), embora esta seja apenas de 0,2 valores.

Os alunos do 5º Ano apresentam um maior gosto pelo que é leccionado nas aulas de Ed. Física, obtendo neste item (18) o valor de 4, o que pensamos ser bastante bom.

Para a variável apreciação, podemos afirmar que de um modo geral os alunos apresentam resultados positivos. Estes obtiveram uma pontuação total de 36,4, num máximo de 50, o que corresponde a uma média de 3,6.

O quadro 5 define os valores médios obtidos em cada um dos 10 itens referentes apreciação dos alunos sobre as aulas de Ed. Física.

Apreciação

Itens	Descrição	5º	6º	1º
21	Tenho pouco espaço para realizar a aula.	4,1	3,6	3,85
22	O material que temos é o melhor.	3,5	3,5	3,5
23	Os meus colegas respeitam o material.	3,4	2,8	3,1
24	Os alunos fazem sempre o que querem.	4,2	3,8	4
25	Apreciação do comport. dos colegas	3,3	2,8	3,05
26	As aulas são sempre interessantes.	4,2	4,1	4,15
27	Nas aulas os alunos fazem sempre o que o professor diz.	3,6	3,3	3,45
28	Apreciação do comport. do professor.	4,2	3,8	4
29	No que respeita a entender os ex. os meus colegas tem facilidade ou dificuldade	3,5	3,5	3,5
30	A prestação motora dos meus colegas é: Boa - Má / Adequada - Inadequada.	3,9	3,7	3,8
Total	Total	37,9	34,9	36,4
	Média	3,7	3,5	3,6
	Valor máximo	4,2	4,1	4,15
	Valor mínimo	3,3	2,8	3,05

Quadro 5. Valor médio dos itens para a variável apreciação das aulas de Ed. Física.

Analisando os resultados do 5º e 6º Ano, podemos dizer que é nesta variável que se apresenta uma maior diferença relativamente à média de todos os itens (3,7 para o 5º Ano e 3,5 para o 6º Ano).

No item 21 ("Tenho pouco espaço para realizar a aula de Ed. Física.") é onde se nota mais a diferença entre os dois Anos, pois esta atinge os 0,5 valores (4,1 para o 5º Ano ; 3,6 para o 6º Ano).

No item 28 (Apreciação do comportamento do professor) a diferença é de 0,4. É também de realçar que neste item os alunos do 5º Ano obtiveram o valor médio de 4,2 o que pensamos ser bastante satisfatório.

Em contrapartida os alunos do 6º Ano no item 23 e 25 apresenta um valor 2,8, o que pensamos ser um pouco baixo.

5.1. Análise estatística dos resultados

Consultando o valor da Tábua B, relativo a o valor crítico de t , verificamos que para o número de indivíduos em causa, o valor de t apartir do qual poderíamos considerar que as diferenças são significativas é para uma probabilidade de 0,05 (valor normalmente utilizado em ciências do comportamento) de 1,96.

Na percepção o resultado do Teste t foi de 0,5726. Comparando este valor na Tábua B (1,96) verificamos que não existem diferenças significativas nesta variável, entre os alunos do 5º e 6º ano, recusando-se assim a Hipótese 1.

Quanto à motivação, depois de realizados os cálculos, encontramos um valor de t igual a 0,3140. Sendo este mais baixo que o valor da tábua B (1,96), respectivo à amostra estudada, a hipótese 2 é recusada, ou seja, não há diferenças significativas na motivação entre os alunos do 5º e 6º ano.

No auto-conceito, o resultado do Teste t, foi de 0,2996, contrariando assim a hipótese 3. Não havendo diferenças significativas entre os alunos 5º e 6º Ano perante o seu auto-conceito nas aulas de Ed. Física.

Para a apreciação o resultado do Teste t foi de 1,7409. Sendo este mais baixo que o valor da Tábua B (1,96) concluímos que não existem diferenças significativas entre os alunos do 5º e 6º ano relativamente a esta variável. Recusa-se assim a Hipótese 4.

Relativamente à Hipótese Geral, esta foi também recusada, pois o resultado do Teste t (0,0294) não foi superior ao apresentado pela Tábua B (1,96).

Podemos concluir que os valores do nosso estudo determinam que não existem diferenças significativas entre os alunos do 5º e 6º ano em relação a todas as variáveis analisadas.

6. Conclusões

No início do nosso estudo pretendíamos saber se existiam diferenças significativas entre os alunos do 5º e 6º ano em relação às variáveis do pensamento.

Neste contexto, concluímos que, os alunos do 5º e 6º ano, dos professores estagiários da ESECB, na aula de Educação Física:

1. têm uma boa percepção do que se passa nas aulas, da sua importância para o seu desenvolvimento e do desempenho do professor nas mesmas, não havendo diferenças significativas entre os anos;

2. estão bastantes motivados para as aulas, não se vislumbrando diferenças significativas entre os anos;
3. têm um bom conceito de si nas aulas de Educação Física, realçando-se o gosto que têm pelas mesmas;
4. não se apresentam diferenças significativas em relação ao seu auto-conceito;
5. têm uma boa apreciação das aulas, das condições de prática, dos professores, dos colegas;
6. não existem diferenças significativas quanto à apreciação;
7. consideram a disciplina e as aulas interessantes;
8. não existem diferenças significativas no pensamento dos alunos do 5º e 6º ano.

7. Bibliografia

- ALMEIDA, M. (1999) "Auto-conceito, meio geográfico e sucesso escolar. Que relação nos alunos do 1º ciclo" – Curso de Estudos Superiores Especializados - Orientação Pedagógica – ESE IPCB
- CAMILO CUNHA, A. (1995) – Formação contínua dos professores de Educação Física do Distrito de Castelo Branco – Um Contributo para uma Análise de Expectativas / Necessidades de Formação. Dissertação de Mestrado (Não Publicada). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- CARREIRO DA COSTA, F. ; PEREIRA, P. ; DINIZ, J. ; PIÉRON, M. (1997) "Motivation, Perception de compétence et Engagement Moteur des élèves dans des Classes d'Éducation Physique" – revue de l'Éducation Physique, Vol. XXXVII, 2 Juin, pag. 83-91
- DICIONÁRIOS EDITORA – Dicionário da Língua Portuguesa, 6ª edição – Porto Editora
- FONTAINE, A. (1990) – "Motivation pour la réussite scolaire" – Instituto Nacional de Investigação - Centro de Psicologia da Universidade do Porto

- GESELL, A. (1978) – O jovem dos 10 aos 16 anos – Publicações Dom Quixote - Lisboa
- JACOB, J. (1994) – “A imagem corporal e os factores socioculturais, performance motora e sexo” - Revista Horizonte, Vol. X, n.º 60, pág. 211-217.
- MAGILL, R. (1984); “A Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações”, Editora Edgard Blucher Ltda., São Paulo, Brasil.
- MEINEL, K. (1984) – Motricidade II – “O desenvolvimento motor do ser humano” – Ao Livro Técnico S/A; Indústria e Comércio, Rio de Janeiro
- PEREIRA, P. (1995); “O pensamento e acção do aluno em Educação Física”; Universidade Técnica de Lisboa, FMH, 1995.
- PEREIRA P.; CARREIRO DA COSTA, F.; ALVES DINIZ, J; (1998); “A motivação dos alunos para a Educação Física”, Revista Horizonte, Vol. XV, n.º 86, pág. 7-15
- PEREIRA P.; CARREIRO DA COSTA, F.; ALVES DINIZ, J; (1998); “O conceito de competências em Educação Física; a sua influência no comportamento dos alunos nas aulas”, Revista Horizonte, Vol. XV, n.º 87, pág. 7-14.
- PETRICA, J. (SD) – O desenvolvimento físico e motor em crianças dos 10 aos 13 anos – Contributo para a formação de professores de educação Física – Mestrado em Ciências de Educação
- PETRICA, J.; GRILO, L.; ÓRFÃO, R. ; ROQUE, S.; (1999) Os processos de pensamentos dos alunos: “O que pensam os alunos nas aulas de Educação Física” Revista da secção de Educação Física, N.º 1 – Departamento de Educação Física e Artística - ESECB
- PETRICA, J; MOTA, L; CARDOSO, M; AFONSO, P; (1999) O pensamento do professor: “O que pensam os professores nas aulas de Educação Física” Revista da secção de Educação Física, N.º 1 – Departamento de Educação Física e Artística - ESECB
- PETRICA, J.; TAVARES, N.; (1999) Os processos de pensamentos dos alunos: “Estudo da atenção nas aulas de Educação Física” Revista da secção de Educação Física, N.º 1 – Departamento de Educação Física e Artística - ESECB
- PIÉRON, M. (1983) La Relations Pedagogique dans L'Enseignement des Activites Physiques – Notes de Cours. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, ISEF.
- PIÉRON, M. (1985) Formação de Professores, Horizonte, 1, 5, Dossier.
- PIÉRON, M. (1986); “Enseignement des activités physiques et sportives – observation et recherche”, Presses Universitaires de Liège
- PIÉRON, M. (1996); “Analyser l'enseignement pour mieux enseigner”, Dossiers EPS, Revue EPS, Paris
- PINA, M. (1998)– “O autoconceito/autoestima com e sem repetência no 1º ciclo” – Curso de Estudos Superiores Especializados – Orientação Pedagógica – ESE IPCB
- REGO, M. (1998); “Satisfação com a Imagem Corporal, Menarca e «pedido de dispensa» nas aulas de Educação Física”, Revista Horizonte, Vol. XV, n.º 85, pág. 25-30.
- SIEGEL, S. (1979); “Estatística não paramétrica para as ciências do comportamento”, McGraw-Hill do Brasil Ltda, Brasil
- SILVA, A. MORAIS – Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, Horizonte Confluência, Vol. IV
- SIMÕES, M. (1997) – “Autoconceito e desenvolvimento pessoal em contexto escolar” – revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXXI, n.º 1,2 e 3; pág. 195-210 – Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- SPRINTHALL, N. & SPRINTHALL, R. (1993); “Psicologia Educacional”, McGraw-Hill, Lisboa, Portugal.
- TUCKMAN, B. (1978); “Conducting Educational Research”, Harcourt Brace Jovanovich, 2º Ed. ; USA